

SETOR EXTERNO

Bons ventos até aqui, mas pode haver turbulências no caminho

Sumário

A balança comercial tem registrado sucessivos *superavit* mesmo com a retomada das importações. No acumulado do ano até setembro, a balança comercial registrou saldo de US\$ 56,4 bilhões. A conta de transações correntes do balanço de pagamentos tem apresentado redução no *deficit* (acumulado do ano soma *deficit* de US\$ 8,1 bilhões, correspondendo a 0,68% do produto interno bruto – PIB) e há retomada do ingresso de investimentos, especialmente investimentos em carteira. Esse cenário foi possível devido a fatores como: manutenção da alta no preço das *commodities*, diminuição de viagens internacionais, recuperação global da economia, alta na taxa de juros e câmbio desvalorizado.

Em relação ao câmbio, mesmo com a melhora dos fundamentos, a taxa R\$/US\$ mantém-se consistentemente acima de R\$ 5,00/US\$ devido às incertezas em relação a este ano e principalmente ao próximo. Apesar da melhora dos dados da pandemia, ainda permanecem as incertezas em relação à economia mundial. Há uma preocupação especial sobre a trajetória da China, notadamente devido ao anúncio recente da incorporadora Evergrande, de que poderia não pagar suas dívidas, além da crise energética enfrentada pelo país devido principalmente aos baixos estoques de carvão. Quanto ao problema recente com a interrupção das exportações brasileiras de carne bovina para a China, que já dura mais de 45 dias, espera-se que se resolva nas próximas semanas. Há incertezas internas também em relação à continuidade da consolidação fiscal. Somado a isso, há dúvidas a respeito da política monetária dos Estados Unidos, que deve sofrer alterações devido à dinâmica do hiato do produto e da inflação. A alta global nos preços de energia também é um fator de preocupação.

1 Balanço de pagamentos

As contas do balanço de pagamentos seguem em trajetória relativamente favorável. Quebrando a sequência de sucessivos *superavit* no saldo em transações correntes registrados em abril, maio e junho, houve *deficit* de US\$ 1,5 bilhão em julho, seguido de novo *superavit* em agosto, no valor de US\$ 1,8 bilhão, e em setembro registrou-se um novo *deficit* no valor de US\$ 1,7 bilhão. Na comparação com setembro de 2019, período anterior à pandemia, o *deficit* em transações correntes foi de US\$ 3,7 bilhões. A alta no preço das *commodities* continua favorecendo a balança comercial e contribuindo para a redução dos *deficit* em transações correntes. A melhora nos preços ocorreu conjuntamente ao aumento da demanda por países

Maria Andreia Parente Lameiras

Técnica de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Marcos Dantas Hecksher

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea

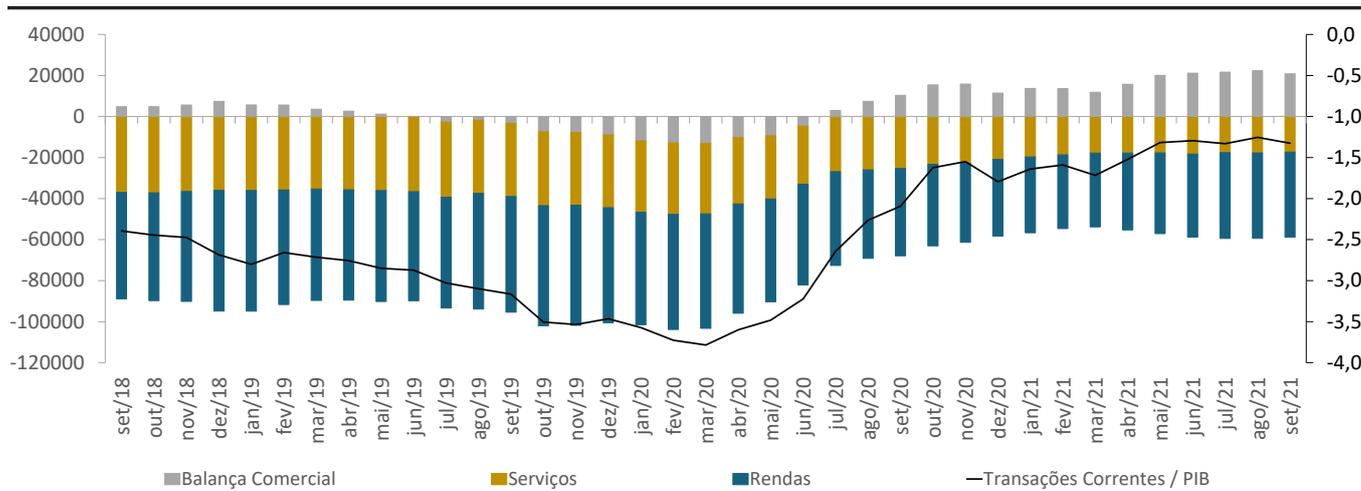
marcos.hecksher@ipea.gov.br

Divulgado em 05 de outubro de 2021.

que já estão se recuperando da crise provocada pela pandemia. A redução do *deficit* na balança de serviços provocada principalmente pelas restrições de mobilidade internacional ainda se mantém, apesar de dar sinais de recuperação. O saldo dos gastos em viagens, por exemplo, que, em 2019, apresentou uma média mensal de US\$ 966 milhões, caiu expressivamente a partir de março de 2020, tendo alcançado o valor deficitário de US\$ 28 milhões em fevereiro de 2021. Comparativamente, a média entre abril e setembro de 2021 foi de US\$ 128,7 milhões.

Para os dados acumulados em doze meses, a conta de transações correntes registra em setembro um *deficit* de US\$ 20,7 (1,3% do PIB) ante US\$ 32,3 (2,1% do PIB) no mesmo período de 2020. A balança comercial fechou agosto com *superavit* de US\$ 2,4 bilhões ante um saldo superavitário de US\$ 4,4 bilhões em setembro de 2020. No acumulado em doze meses, observa-se um saldo positivo de US\$ 20,8 bilhões ante US\$ 10,3 bilhões no mesmo período do ano anterior. Além disso, a balança de serviços apresentou alguma piora, mas ainda bem distante dos níveis pré-pandemia. Em setembro de 2021, observou-se um *deficit* de US\$ 1,4 bilhão ante US\$ 1,7 bilhão no mesmo período do ano anterior. Cabe notar que, em setembro de 2019, o saldo da balança de serviços era deficitário em US\$ 2,5 bilhões. O gráfico 1 e as tabelas 1 e 2 ilustram a evolução das principais contas do saldo em transações correntes.

GRÁFICO 1
Composição do saldo em transações correntes – acumulado em doze meses
 (Em US\$ milhões e % do PIB)



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

TABELA 1
Composição do saldo em transações correntes – acumulado em doze meses (2020)
 (Em % do PIB)

Conta	2020											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Balança Comercial	-0,64	-0,69	-0,72	-0,58	-0,55	-0,28	0,18	0,47	0,67	1,03	1,08	0,79
Balança de Serviços	-1,86	-1,88	-1,88	-1,83	-1,80	-1,70	-1,66	-1,65	-1,64	-1,56	-1,55	-1,45
Rendas	-2,94	-3,03	-3,06	-3,02	-2,93	-2,94	-2,82	-2,74	-2,76	-2,65	-2,63	-2,59
Transações Correntes	-3,57	-3,73	-3,78	-3,60	-3,48	-3,22	-2,64	-2,26	-2,09	-1,62	-1,55	-1,80

Fonte: BCB.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2

Composição do saldo em transações correntes – acumulado em doze meses (2021)

(Em % do PIB)

Conta	2021									
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Balança Comercial	0,96	0,97	0,84	1,10	1,37	1,41	1,43	1,45	1,33	
Balança de Serviços	-1,39	-1,33	-1,27	-1,24	-1,21	-1,22	-1,16	-1,15	-1,11	
Rendas	-2,60	-2,56	-2,56	-2,62	-2,69	-2,71	-2,76	-2,70	-2,66	
Transações Correntes	-1,64	-1,59	-1,72	-1,53	-1,32	-1,29	-1,33	-1,25	-1,33	

Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação à conta capital e financeira, temos observado uma trajetória de relativa recuperação. Embora os níveis pré-pandemia ainda não tenham sido plenamente atingidos, houve melhora na entrada de capitais além de relativa recuperação do investimento direto no exterior (IDE) e do investimento direto no país (IDP) no período recente, como mostram os gráficos 2, 3 e 4. A princípio, a trajetória de aumento da taxa de juros Selic poderia potencializar a recuperação da conta financeira. No entanto, com a retirada paulatina dos estímulos monetários da economia dos Estados Unidos, há incerteza sobre o balanço de risco dos investidores.

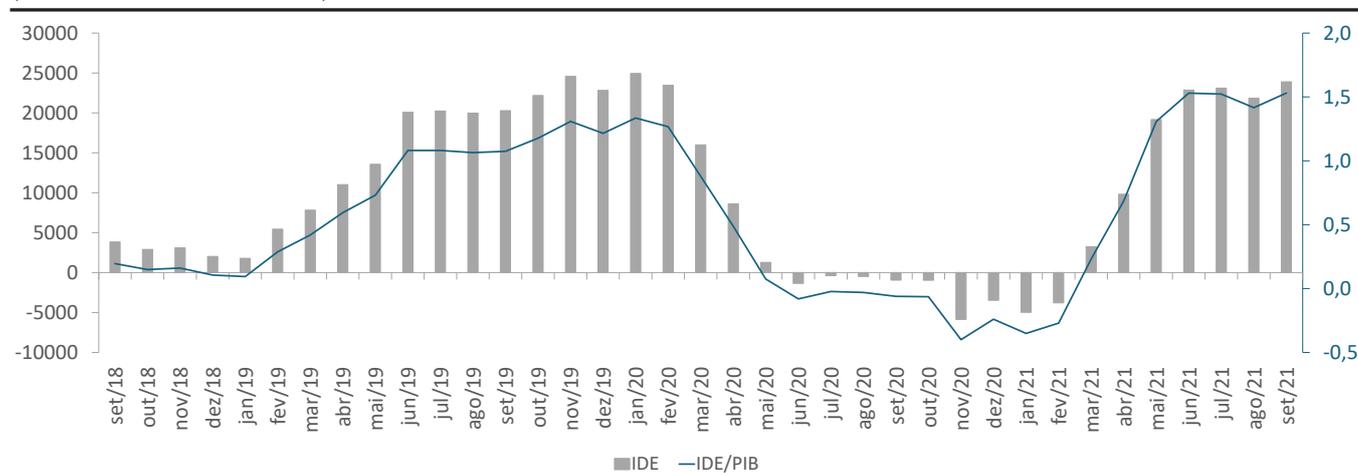
O IDP, composto por participação no capital e operações intercompanhia, apresentou um saldo de US\$ 4,5 bilhões em setembro de 2021, ante US\$ 3,4 bilhões no mesmo período do ano anterior. A média em 2019, ano anterior à pandemia, foi de US\$ 5,8 bilhões mensais, mostrando, portanto, um desempenho ainda fraco. Já o acumulado em doze meses somou um saldo de US\$ 50,4 bilhões – ante US\$ 54,7 bilhões no mesmo período do ano anterior.

A série de IDE, que apresentava sinais de recuperação, sofreu uma queda em agosto de 2021, como mostra o gráfico 1, que já foi revertida no mês seguinte. Em setembro de 2021, o saldo líquido foi de US\$ 2,9 bilhões, ante um saldo de US\$ 836 milhões no mesmo período do ano passado. Em relação ao acumulado em doze meses, o IDE apresenta um saldo de US\$ 23,9 bilhões ante um saldo negativo, ou seja, desinvestimentos, de US\$ 943 milhões no mesmo período do ano anterior.

GRÁFICO 2

IDE – dados acumulados em doze meses

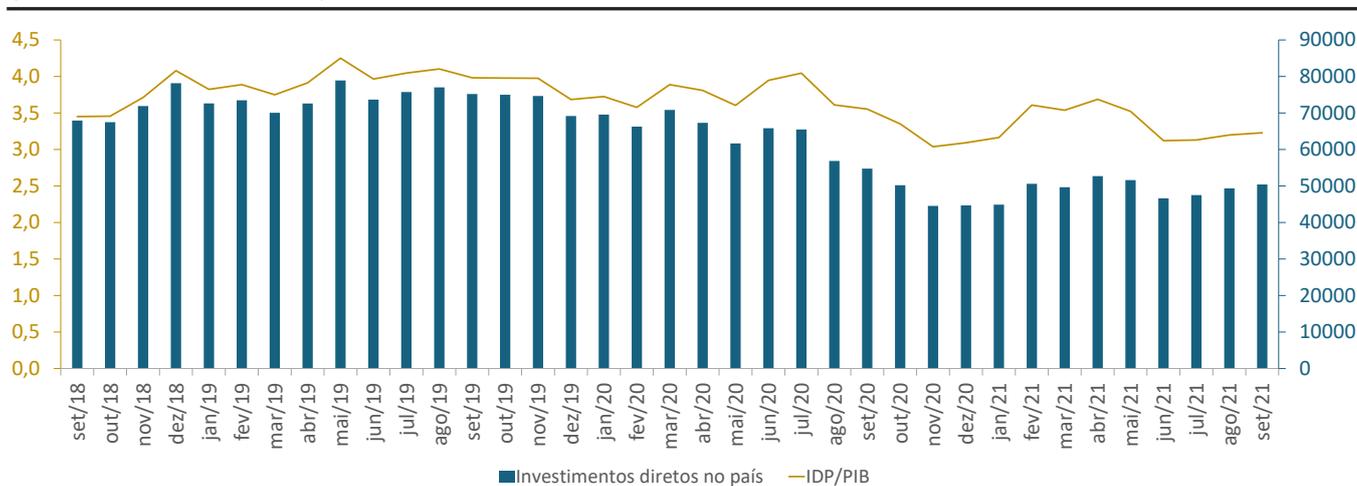
(Em US\$ milhões e % do PIB)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
IDP – dados acumulados em doze meses
 (Em US\$ milhões e % do PIB)



Fonte: BCB.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação aos investimentos em carteira, após sofrerem uma queda expressiva durante a pandemia, apresentam uma trajetória de elevação, tendo até mesmo ultrapassado os níveis observados anteriormente, como mostra o gráfico 2. De fato, os investimentos em carteira ativos, que representam aplicações brasileiras no exterior, totalizaram US\$ 20,3 bilhões no acumulado em doze meses, ante um valor de US\$ 8,2 bilhões no mesmo período do ano anterior. Já os investimentos em carteira passivos, que representam aquisições de não residentes de títulos de renda fixa ou variável de emissão brasileira, totalizaram US\$ 42,7 bilhões no acumulado em doze meses, ante um saldo deficitário de US\$ 33,3 bilhões no mesmo período do ano anterior.

GRÁFICO 4
Investimentos em carteira – dados acumulados em doze meses
 (Em US\$ milhões)



Fonte: Banco Mundial.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Balança comercial

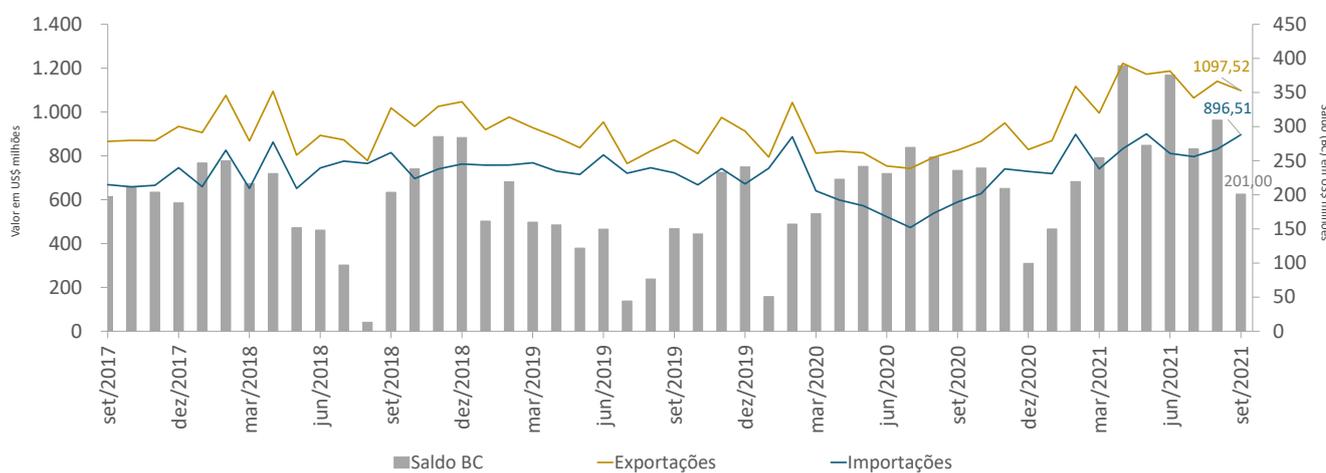
As exportações alcançaram US\$ 24,28 bilhões em setembro e as importações, US\$ 19,96 bilhões, resultando em um saldo da balança comercial superavitário em US\$ 4,3 bilhões. Em relação ao acumulado no ano, ou seja, os nove primeiros meses de 2021, as exportações totalizaram US\$ 213,22 bilhões e as importações, US\$ 156,79 bilhões, resultando em um saldo da balança comercial de US\$ 56,43 bilhões.

O gráfico 5 apresenta as exportações, as importações e o saldo comercial medidos pelas médias diárias dessazonalizadas. É possível observar que as exportações tiveram uma aceleração da tendência de crescimento desde o início de 2021, mas vêm desacelerando nos últimos meses. De fato, comparando setembro de 2021 a setembro de 2020, houve um crescimento na média diária das exportações de 33,9%. Já em relação ao mês anterior, houve uma queda da média diária dessazonalizada de 3,7%. Em relação a janeiro de 2021, o crescimento na média diária dessazonalizada foi de 26,3%.

Já a média diária dessazonalizada das importações vem apresentando uma trajetória de recuperação após uma queda expressiva durante a pandemia. Comparando setembro de 2020 com setembro de 2021, houve um crescimento de 52%, já que, no ano passado, os efeitos da pandemia estavam se intensificando. Na comparação com o mês anterior, observamos um aumento de 7,9% na média diária dessazonalizada. E, em relação a janeiro de 2021, o crescimento foi de 24,6%, também considerando a média diária dessazonalizada.

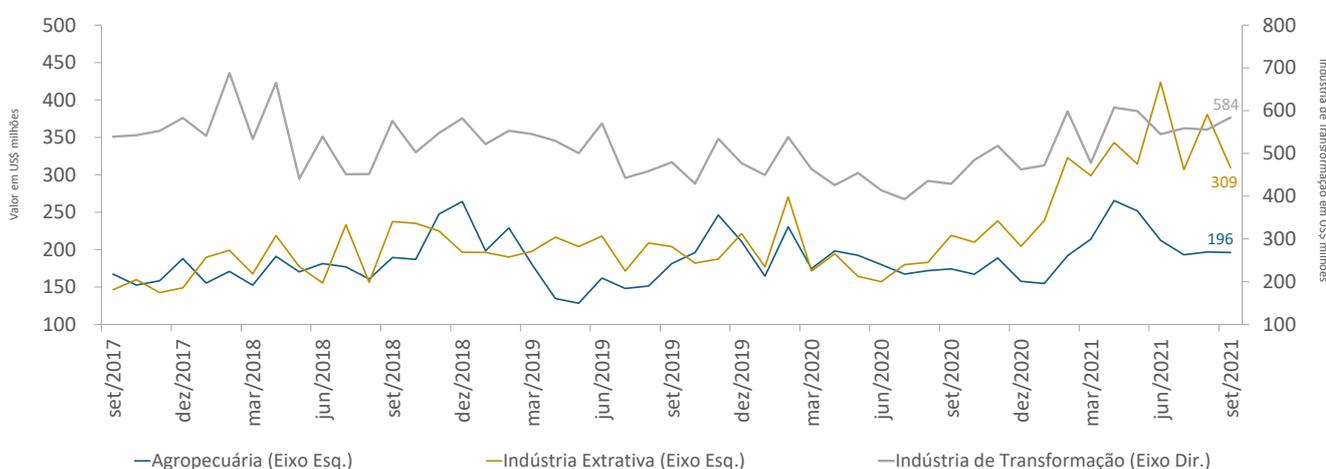
Dado o comportamento de crescimento importante das exportações e em razão da relativa estabilidade na média das importações no período, observamos sucessivos *superavit* da balança comercial, como pode ser visto também no gráfico 5. Considerando as médias diárias dessazonalizadas, a queda no saldo comercial em relação ao mesmo período do ano anterior foi de 14,7%. Já em relação ao mês anterior, houve queda de 35,1%. Em relação a janeiro de 2021, o crescimento foi de 34,1%.

GRÁFICO 5
Exportações, importações e saldo comercial – médias diárias dessazonalizadas
 (Em US\$ milhões)



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (Secex).
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

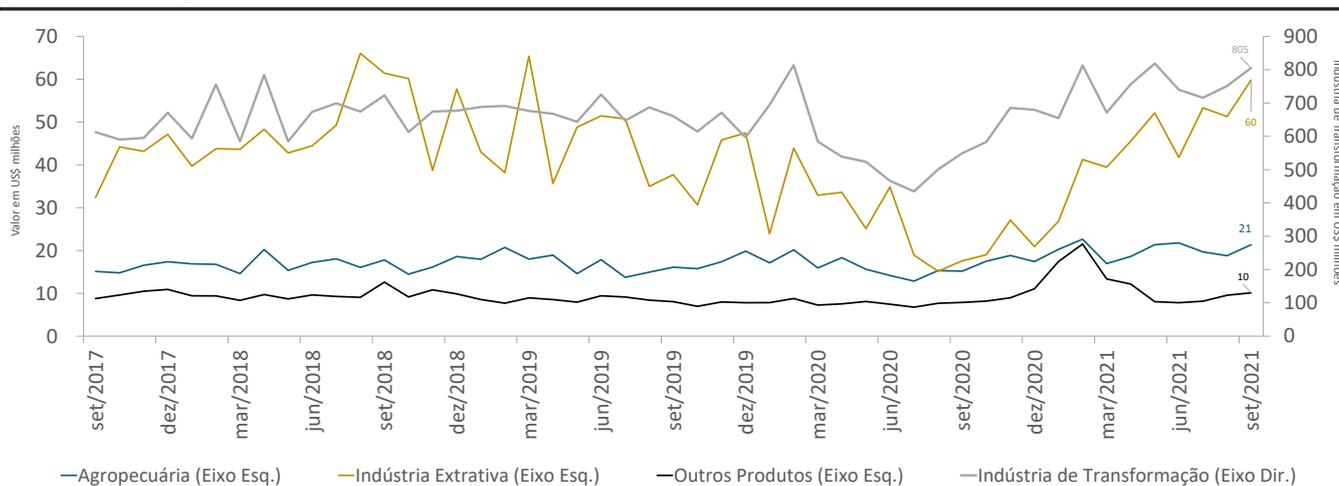
GRÁFICO 6
Exportações por setores de atividades – médias diárias dessazonalizadas
 (Em US\$ milhões)



Fonte: Secex.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7

Importações por setores de atividades – médias diárias dessazonalizadas
(Em US\$ milhões)



Fonte: Secex.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Os gráficos 6 e 7 mostram a evolução das médias diárias dessazonalizadas por setor de atividade. Em relação às exportações, houve uma desaceleração importante especialmente no setor agropecuário. Já no caso das importações, observa-se um crescimento nas indústrias extrativa e de transformação.

Como mostra o gráfico 8, em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, setembro de 2020, houve crescimento das exportações de 127,6% do item outros produtos, 41,1% da indústria extrativa, 36,15% para a indústria de transformação e 12,4% para a agropecuária. Já nas importações, o destaque ficou para a indústria extrativa, com crescimento de 240%, seguida pela indústria de transformação com 46%.

GRÁFICO 8

Exportações e importações por setores de atividades – médias diárias: taxa de crescimento em relação a setembro de 2020
(Em %)



Fonte: Secex.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9

Exportações e importações por setores de atividades – médias diárias dessazonalizadas: taxa de crescimento em relação a janeiro de 2021
(Em %)

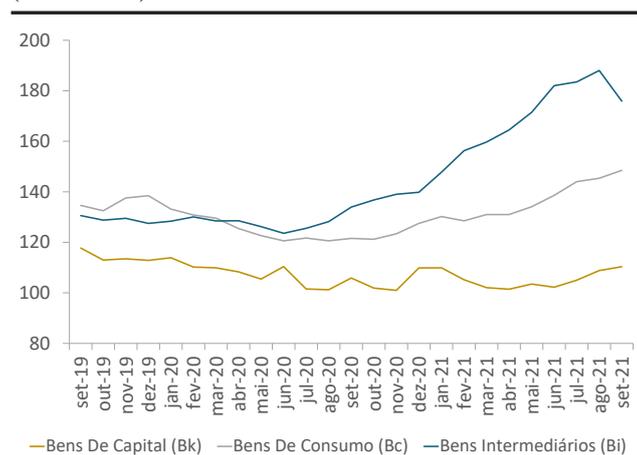


Fonte: Secex.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

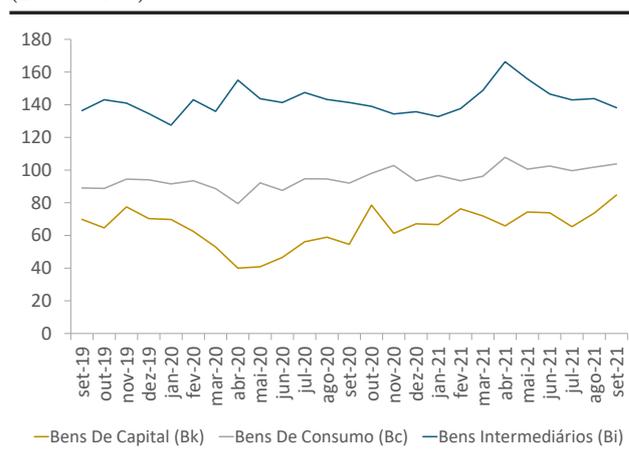
O gráfico 10 mostra a evolução dos índices de preços de exportação por categoria de produtos, enquanto o gráfico 11 apresenta a evolução dos índices *quantum*.¹ Como pode ser observado, o grande destaque para o crescimento das exportações concentra-se na alta dos preços.

GRÁFICO 10
Índices de preços de exportação, por categoria de produtos (2006 = 100)



Fonte: Secex.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

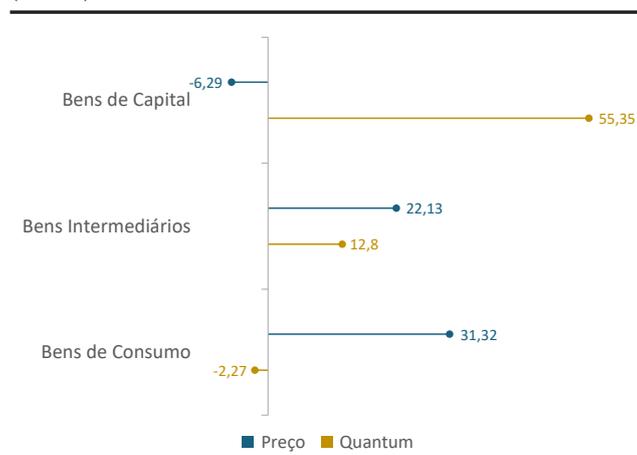
GRÁFICO 11
Índices de *quantum* de exportação, por categoria de produtos (2006 = 100)



Fonte: Secex.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

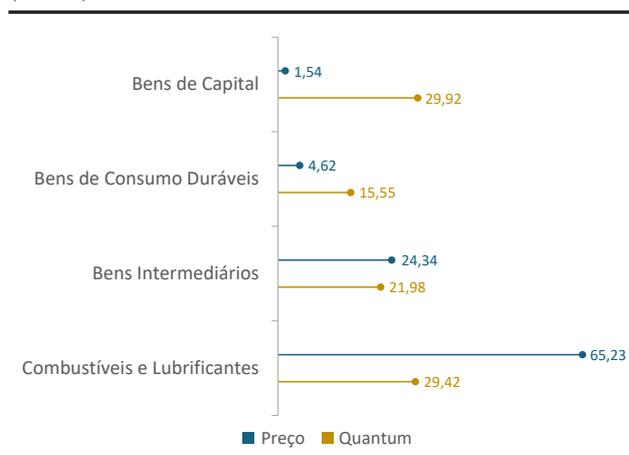
O gráfico 12 mostra o crescimento dos índices de preços e das quantidades das exportações em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, entre setembro de 2020 e setembro de 2021. Como pode ser observado, há um crescimento expressivo das quantidades de bens de capital (55,3%). Já para os bens de consumo, o destaque está no crescimento dos preços (31,3%), assim como para os bens intermediários (22,1%).

GRÁFICO 12
Índices de preços e quantidades de exportação, por categoria de produtos: taxa de crescimento em relação a setembro de 2020 (2006 = 100) (Em %)



Fonte: Secex.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 13
Índices de preços e quantidades de importação, por categoria de produtos: taxa de crescimento em relação a setembro de 2020 (2006 = 100) (Em %)



Fonte: Secex.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. A partir desta *Carta de Conjuntura*, serão usados os dados de índices de preços e *quantum* calculados pela Secex e descritos em: <https://balanca.economia.gov.br/balanca/IPQ/arquivos/Metodologia-IPQ-El.pdf>

O gráfico 13 mostra o crescimento dos índices de preços e as quantidades das importações em relação ao mesmo período do ano anterior, ou seja, entre setembro de 2020 e setembro de 2021. Em relação aos preços, o destaque está para o grupo de combustíveis, que apresentou aumento de 65,2% no período, seguido pelo grupo de bens intermediários, com aumento de 24,3%. Já em relação às quantidades, nota-se o aumento de 29,9% para bens de capital, seguido por bens intermediários (21,9%) e bens de consumo (15,5%), todos possivelmente relacionados à retomada da economia. De fato, o destaque em importações está no crescimento do índice de quantidades, já o destaque em exportações está no crescimento do índice de preços.

3 Câmbio nominal

Apesar da trajetória favorável das principais contas externas e do aumento da taxa de juros Selic, a taxa de câmbio nominal não tem reagido como se esperaria, como mostra a tabela 3. Embora a taxa de câmbio real/dólar tenha mostrado períodos de valorização, tendo ficado abaixo dos R\$ 5,00/US\$ no final de junho de 2021, desde julho, tem novamente se mantido acima dos R\$ 5,00/US\$. No período mais recente, a cotação ficou acima de R\$ 5,50/US\$. O último relatório da pesquisa Focus, do BCB,² mostra que não há expectativa de valorização importante do Real para os próximos meses, já que as previsões para todos os horizontes apontam valores acima de R\$ 5,00/US\$. Novamente, nem mesmo o crescimento dos preços das *commodities*, geralmente relacionado a uma valorização da taxa de câmbio, provocou uma reversão importante nesse movimento. As estimativas do *Institute of International Finance* (IIF) continuam apontando para uma taxa “justa” (*fair value*) de R\$ 4,50/US\$. Dados do Centro de Estudos em Macroeconomia Aplicada da Fundação Getúlio Vargas (Cemap/FGV) também estão na direção de um valor de equilíbrio abaixo de R\$ 5,00/US\$,³ indicando que há desvalorização além dos fundamentos, ou seja, um desalinhamento cambial negativo. As possíveis causas para a não valorização expressiva do Real diante do dólar, mesmo com a relativa melhora dos fundamentos, incluem principalmente o risco fiscal, risco referente à pandemia e também a incerteza em relação ao período eleitoral no próximo ano.

TABELA 3

Variação mensal: taxa de câmbio R\$/US\$

(Em %)

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2018	-2,47	0,96	1,16	3,91	6,71	3,77	1,47	2,64	4,75	-8,7	0,75	2,6
2019	-3,69	-0,48	3,3	1,29	2,7	-3,57	-2,06	6,37	2,52	-0,84	1,67	-1,1
2020	0,97	4,62	12,51	9,04	5,97	-7,92	1,61	3,43	-1,13	4,19	-3,7	-5,02
2021	4,09	1,13	4,24	-1,49	-4,87	-4,9	2,48	1,84	0,53			

Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Taxas efetivas reais de câmbio (TERCs)⁴

A taxa de câmbio R\$/US\$ desvalorizou-se expressivamente durante a pandemia e tem permanecido acima de R\$ 5,00/US\$ na maior parte do período desde então. Como houve um descolamento importante entre os índices de preços ao produtor e os índices de preços ao consumidor, há uma diferença expressiva entre a variação da Terc calculada com base nesses indicadores – Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) e Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), respectivamente.

2. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20211015.pdf>>.

3. Mais detalhes disponíveis em: <https://cemap.fgv.br/sites/cemap.fgv.br/files/u4/Nota_CEMAP_54_Desalinhamento_2021_06.pdf>.

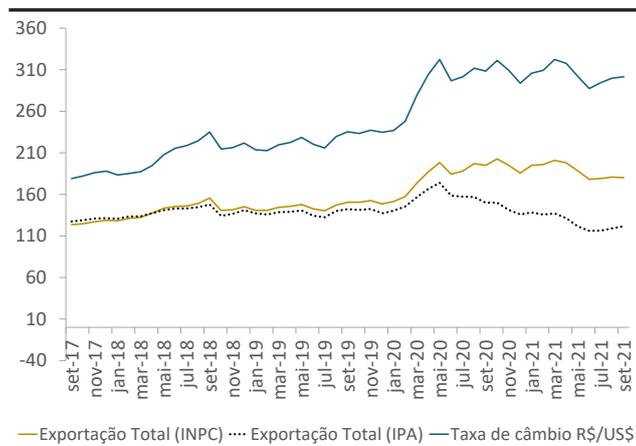
4. A metodologia encontra-se disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8324/1/cc_38_nt_taxas_efetivas.pdf>.

A tabela 4 apresenta a variação da Terc calculada com base nos preços dos produtos exportados. Observa-se que a valorização da taxa real/dólar entre setembro de 2020 e setembro de 2021 foi de 2,22%, contra uma desvalorização de 31% no mesmo período do ano anterior, que inclui o pior momento da pandemia. Já a Terc calculada com base no INPC apresentou valorização de 7,6% entre setembro de 2020 e setembro de 2021, contra uma desvalorização de 30% no mesmo período do ano anterior. No entanto, quando se calcula a Terc usando o IPA, verifica-se uma valorização de 19% entre setembro de 2021 e setembro de 2021, contra uma valorização de 5% no mesmo período do ano anterior. O destaque, olhando para fatores agregados, está no grupo de semimanufaturados, em que se verifica uma valorização de 21%. Já no grupo de manufaturados houve uma valorização de 20%. Em seguida, vem o grupo de produtos básicos, com valorização de 19%.

A tabela 5 apresenta a variação da Terc calculada com base nos preços dos produtos importados. Aqui também, a variação da Terc com base no INPC e no IPA é bastante discrepante. Considerando o IPA, houve uma valorização de 18% no período entre setembro de 2020 e setembro de 2021. Mas, considerando o INPC, observamos uma valorização menor, de 8%. O destaque, olhando para categorias econômicas, está no grupo de combustíveis e lubrificantes, em que se verifica uma valorização de 34%. Já no grupo de bens intermediários, houve uma valorização de 26%. Em seguida, vem o grupo de bens de capital, com desvalorização de 17%.

GRÁFICO 14

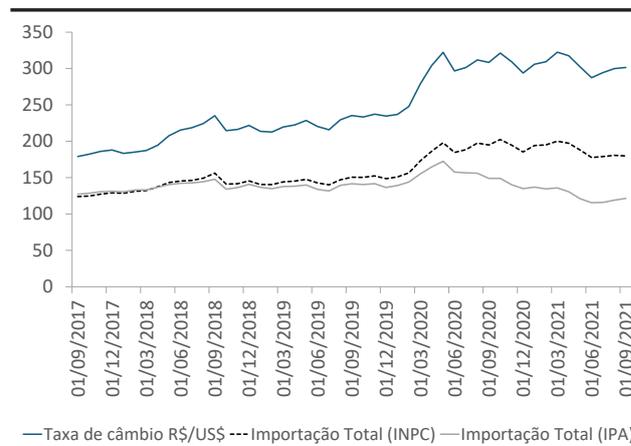
Taxa de câmbio real/dólar e TERCs ponderadas pelas importações (2010 = 100)
(2017-2021)



Fonte: Fundo Monetário Internacional (FMI), Secex, BCB e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 15

Taxa de câmbio real/dólar e TERCs ponderadas pelas importações (2010 = 100)
(2017-2021)



Fonte: FMI, Secex, BCB e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

Variação da Terc ponderada pelas exportações
(Em %)

Variação no período	Setembro 2020/Setembro 2019	Setembro 2021/Setembro 2020
Taxa Real Dólar	31,01	-2,22
Exportação Total (IPA)	5,38	-18,90
Exportação Total (INPC)	29,47	-7,58
Taxa Efetiva Real das Exportações segundo Fator Agregado		
Exportação Básicos (IPA Ponderado)	-3,56	-19,13
Exportação Semimanufaturados (IPA)	15,29	-21,03
Exportação Manufaturados (IPA)	13,37	-20,17
Exportação Manufaturados (INPC)	26,43	-7,61

Fonte: FMI, Secex, BCB, IBGE e FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

Varição da Terc ponderada pelas importações
(Em %)

Varição no período	Setembro 2020/Setembro 2019	Setembro 2021/Setembro 2020
Taxa Efetiva Real das Importações Totais (IPA)	5,19	-18,53
Taxa Efetiva Real das Importações Totais (INPC)	29,41	-7,70
Taxa Efetiva Real das Importações segundo Grandes Categorias Econômicas		
<i>Importação Bens de Capital (IPA)</i>	21,83	-17,25
<i>Importação Bens de Consumo Duráveis (IPA)</i>	23,97	-8,52
<i>Importação Bens de Consumo Não Duráveis (IPA)</i>	28,90	-5,91
<i>Importação Bens Intermediários (IPA)</i>	16,83	-26,12
<i>Importação Combustíveis e Lubrificantes (IPA)</i>	46,58	-33,58

Fonte: FMI, Secex, BCB, IBGE e FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

5 Perspectivas

Para os próximos meses, há grandes incertezas sobre a situação da economia. A possível desaceleração da economia chinesa pode trazer problemas para o setor externo brasileiro. Além disso, vários países estão sofrendo com inflação relativamente mais alta, o que pode levar a políticas monetárias contracionistas (aumento das taxas de juros). Notadamente, a possível reversão da política monetária dos Estados Unidos tem potencial de afetar significativamente o fluxo de capitais para o Brasil, a depender da percepção de risco dos investidores. A crise energética internacional, por sua vez, tem o potencial de impactar negativamente os fluxos financeiros e de comércio. Portanto, há turbulências à vista na trajetória do setor externo, que poderá ter, mais uma vez, sua resiliência colocada à prova.

O relatório Focus, do BCB,⁵ mostra que as expectativas de mercado para o saldo em transações correntes é que ele seja deficitário em US\$ 4,8 bilhões, e que se deteriore no ano que vem, passando a um *deficit* esperado de US\$ 20,8 bilhões para 2022. Para a balança comercial, o *superavit* esperado para 2021 é de US\$ 70,2 bilhões e para 2022 é de US\$ 63,6 bilhões. Quanto ao IDP, as expectativas apontam um saldo de US\$50 bilhões em 2021 e US\$ 60,2 bilhões para 2022. Já as previsões do BCB, divulgadas no relatório de inflação de setembro de 2021,⁶ apontam para um *deficit* em transações correntes de US\$ 21 bilhões ao final de 2021, previsão pior que a do relatório anterior, que previa um *superavit* de US\$ 3 bilhões. Para 2022, a previsão é de *deficit* de US\$ 14 bilhões. Em relação à balança comercial, a previsão é de *superavit* no valor de US\$ 43 bilhões. Já em relação à conta financeira, o BCB projeta um saldo de US\$ 55 bilhões para IDPs e US\$21 bilhões para investimentos em carteira. Quanto à taxa de câmbio, não há perspectiva para que ela caia abaixo de R\$ 5,00/US\$ em 2021. As expectativas do relatório Focus apontam para um câmbio de R\$ 5,25/US\$ em 2021 e também de R\$ 5,25/US\$ em 2022.

5. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/content/focus/focus/R20211015.pdf>>.6. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/content/ri/relatorioinflacao/202109/ri202109p.pdf>>.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Diretor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

José Ronaldo de Castro Souza Júnior (Editor)
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Fábio Servo
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Caio Rodrigues Gomes Leite
Felipe dos Santos Martins
Felipe Simplicio Ferreira
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.